

Helena
(Gloria) e
Cláudio
(Tony
Ramos)
em 'Se
Eu Fosse
Você'



Divulgação



Divulgação

'O Quatrilho'
concorreu
ao Oscar em
1996

As múltiplas faces (e fases) de uma estrela

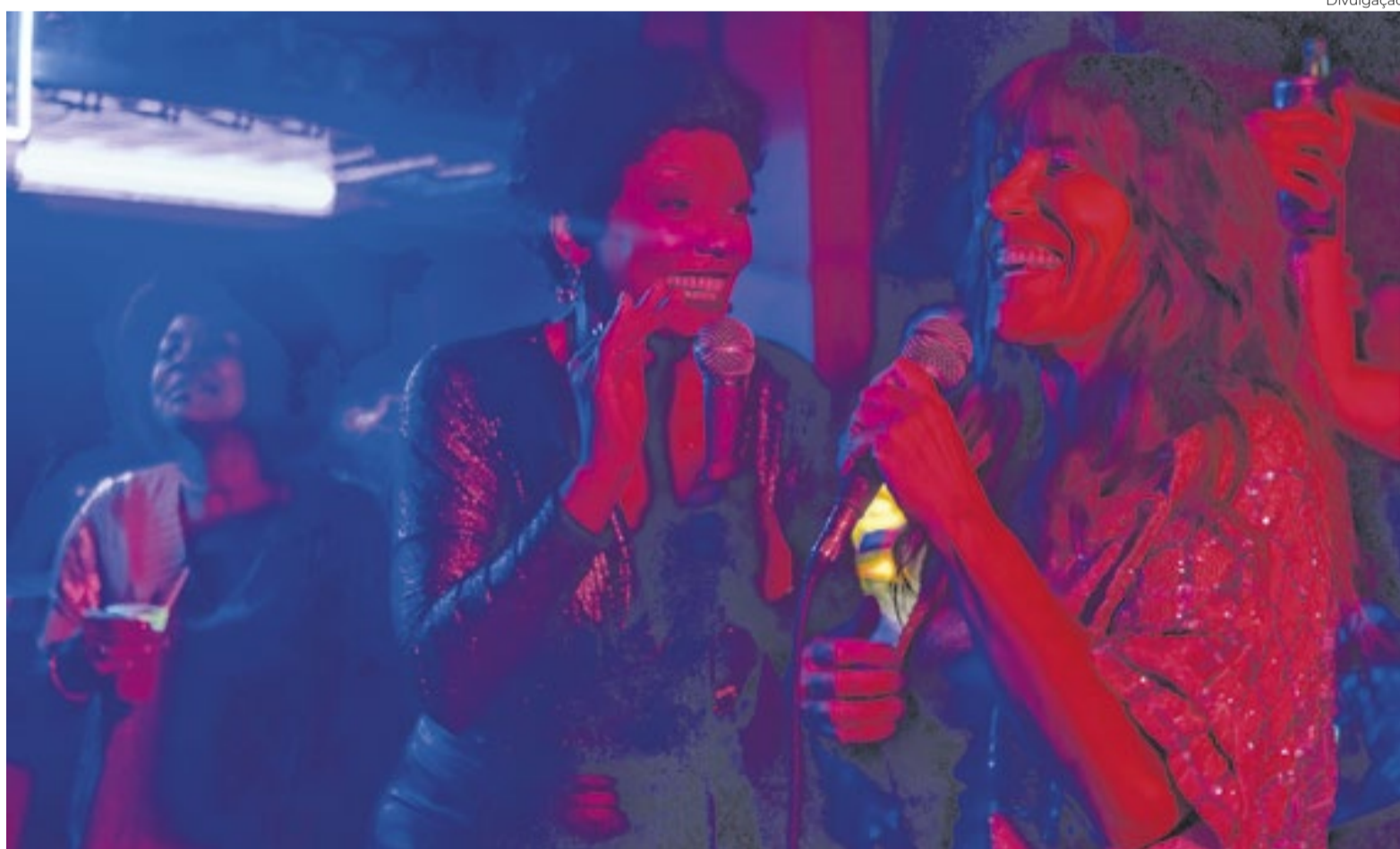
RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Estreia mais inesperada do rol de artistas que debutaram na direção em 2025, Gloria Pires se firma como cineasta, em “Sexa”, que entra em cartaz nesta quinta, em meio às comemorações dos 20 anos de uma franquia à qual a comédia brasileira deve um “Muito obrigado!” até hoje: “Se Eu Fosse Você”. Ali pela reta final de 2005, na virada do Natal para o Ano Novo, Daniel Filho resolveu levar às telas a saga de um casal que trocava de consciência.

A professora de Canto Helena tinha sua mente deslocada para o corpo do marido, o publicitário Cláudio, e a mente dele ia parar no corpo dela. A causa: uma confluência astral no cosmos. A consequência: graças à química de Gloria, no papel de Helena, e de Tony Ramos, como Cláudio, um dos maiores fenômenos comerciais audiovisuais do país - com 3,6 milhões de pagantes - ganhou telas... e continuação. A parte dois estreou em 2009 e vendeu 6,1 milhões de ingressos. A parte três, com direção de Anita Barbosa, estreia ano que vem. Gloria estará lá, mesmo não sendo a protagonista. Seu nome dá sorte.

“Sexa” terá sessão especial esta noite no Estação Net Gávea, às 20h30, com a presença da diretora e protagonista, da escritora e antropóloga Mirian Goldenberg



Divulgação

Isabel Filardis
tem um de
seus melhores
desempenhos
contracenando
com (e sendo
dirigida por) Gloria
Pires em 'Sexa'

e mediação da crítica de cinema e doutora em Literatura Janda Montenegro. Espera-se um bocado dessa trama, mas Gloria sempre entrega o que as redes exibidoras almejam.

“Eu acho que a escuta é um

dom, e no cinema é essencial escutar, porque ninguém faz nada sozinho”, explicou Gloria Pires, ao Correio da Manhã, na Mostra de São Paulo. “Tive a sorte de ter um set harmonioso, em que todos se sentiam donos do filme. As mulheres da equipe também eram donas do seu pedaço, e isso fez a diferença para superarmos tantos desafios. Estou em quase 90% do filme, mas abrir espaço para todos contribuírem foi um gesto fundamental.”

Em 1996, quando o cinema do

Brasil, paralisado nos anos Collor, com a quebra da Embrafilme, viveu a Retomada, ela brilhou no planisfério cinéfilo à frente de “O Quatrilho”, que assegurou uma indicação ao Oscar ao país. Estatísticas oficiais da Ancine e do portal Filme B registram que essa produção, ambientada no Sul do país, vendeu 1,1 milhão de entradas à época. Não levou muito tempo até ela aparecer com destaque em outros êxitos, como o cult lírico “Pequeno Dicionário Amoroso” (1997)

e a dramédia “A Partilha” (2001), que somou 1,4 milhões de tíquetes vendidos. Ali, sua parceria com Daniel Filho seguiu fluida, com direito a meio milhão de pagantes para “Primo Basílio”, de 2007. Dois anos depois, apareceu na pele de Dona Lindu, mãe do nosso atual presidente, em “Lula, O Filho do Brasil”, com Rui Ricardo Dias. O longa abriu o Festival de Brasília, gerou polêmica, mas envelheceu com frescor.

Antes da Retomada, Gloria viu